

O maragato beduíno: o conceito de gaúcho na escrita de Manoelito de Ornellas

Fabício Antônio Antunes Soares

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Passo Fundo - Rio Grande do Sul - Brasil
fabricioantunessoares@gmail.com

Pâmela Cristina de Lima

Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo - Rio Grande do Sul - Brasil
174267@upf.br

Resumo: O presente artigo propõe o estudo do conceito de gaúcho na escrita da história de Manoelito de Ornellas. A obra do autor tomada como objeto é *Gaúchos e Beduínos* (1948). Metodologicamente, optou-se pelas contribuições do historiador alemão Reinhart Koselleck, referência da área da História dos Conceitos. Inicialmente, apresentamos reflexões sobre os conceitos e sobre a teoria deste último intelectual. Em seguida, apresentamos o contexto institucional no qual Ornellas esteve inserido. Depois, demonstramos como o autor concebia o conceito de gaúcho, bem como os reflexos disso em sua escrita da história. Por último, tecemos algumas conclusões.

Palavras-chave: História dos conceitos. Gaúcho. História da historiografia.

Introdução

Esse artigo tem por objetivo investigar como foi construído o conceito de “gaúcho” na obra *Gaúcho e Beduínos* do historiador Manoelito de Ornellas. A problemática na qual se enquadra essa investigação é a relação (de interpenetração) do contexto histórico (político, social, intelectual) com o texto, pensando ambos em meio a socialização e comunicação no mundo da vida. Acreditamos que esse artigo se justifica, em primeiro lugar, pois há uma lacuna interpretativa na obra *Gaúchos e Beduínos*,¹ do qual pretendemos aqui, senão saná-la, ao menos dar os primeiros passos em sua avaliação e, segundo, mostrar a importância da metodologia koselleckiana para tal empreitada.

¹ Os autores que se dedicaram ao estudo da obra supracitada não o fizeram por meio da teoria koselleckiana, sobretudo no que tange à história dos conceitos. Embora sejam trabalhos extremamente competentes, versaram sobre outras questões, como a leitura do conteúdo da obra e seus constructos, percebendo a vinculação do autor com o MTG e as implicações disto na maneira como descreveu a formação do Rio Grande do Sul. Exemplos destas abordagens são, respectivamente, Leda Gutfreind (1992) e Neandro Thesing (2015).

Para darmos conta do objetivo do artigo, acreditamos que nas comunicações cotidianas e acadêmicas empregamos variadas palavras para nos expressarmos e agirmos com as demais pessoas de nosso círculo de relações, demais interlocutores, leitores e outrem alhures. Entre verbos, sujeitos e predicados (entendidos como meio de ação), elas dão forma aos nossos sentimentos, ideias, valores e possibilitam, enquanto expressão simbólica, a criação de sentido para o passado no presente. Portanto, a palavra (aqui, em especial, a escrita), que, do jornal ao *PDF*, comunica e informa um estado de coisas no mundo (passado). Palavras – as mais diversas palavras – usadas para fins diferentes, mas que permitem a comunicação e a socialização no mundo da vida (HABERMAS, 2012, vol.1, p. 473-581).

Dentro da constituição e delimitação dos campos científicos do saber, as palavras também são importantes, pois limitam, criam, censuram a formação, os enunciados e a descrição de mundo dos discursos (FOUCAULT, 2004). Dizemos mais: são substanciais, criam, revelam, criticam, desvelam e fornecem sentido ao mundo da vida.² Palavras comuns servem como forma de comunicação entre os pesquisadores e são utilizadas nas formas de apresentação das pesquisas. Além delas, as ciências, em geral, e a historiografia, em particular, se constroem e articulam-se embasadas em conceitos, que não deixam de ser palavras, mas que, observe-se bem, são mais complexos, polissêmicos e ambíguos do que as palavras. É no âmbito do estudo dos conceitos que se encontram os esforços deste artigo.³

Não há espaço, nesse artigo, para que possamos apresentar todo o processo de construção e consolidação da história dos conceitos, que será a metodologia para a investigação de nosso objeto e, também, que embasa a nossa problemática. Outros autores, porém, em obras totalmente dedicadas a tal finalidade, o fizeram. Rapidamente, como exemplo, temos a obra *Os conceitos*, de José D'Assunção Barros (2016) e, também, *História das Ideias: a construção da identidade*, de Ricardo Oliveira da Silva (2017). O primeiro, dos autores mencionados, estuda como se dá a construção do conceito, bem como os aspectos que os diferenciam das palavras comuns. Além disso, analisa como se dá a polissemia conceitual, a historicidade dos conceitos e a formulação conceitual,

² Sobre o conceito de mundo da vida, ver: Stein, 1997.

³ Não cabe desenvolver nesse artigo, mas é fundamental frisar a importância da filosofia analítica da linguagem – de Frege, Wittgenstein, J. Austin a J. Searle – para a compreensão da análise da linguagem (GLOCK, 2011) e para o próprio desenvolvimento da historiografia (MARTINS, 1989).

pensando também a questão dos anacronismos e das generalizações.⁴ O segundo autor supracitado, por sua vez, desenvolve seu estudo do ponto de vista da história da história dos conceitos, estudando a formação e, além disso, verificando como se deu seu desenvolvimento do campo da história dos conceitos, das ideias e intelectual na historiografia francesa, alemã e anglo-americana.

Partindo desses autores, ao nos comunicamos – falamos e escrevemos – com palavras e também com conceitos.⁵ Desse modo, quais as relações entre ambas? O que as diferencia? As palavras, como já referido, são as que utilizamos em nosso cotidiano, da conversa na banca de jornal às reuniões de trabalho. Porém, as

palavras que são utilizadas para o entendimento da própria vida, e os cientistas das várias áreas de estudo só precisam se apropriar dessas palavras para dotá-las de um sentido mais específico em seus campos de saber. Dito de outra forma, existe uma língua viva da qual os cientistas podem se valer nos seus esforços de conceituar e escolher as palavras que funcionarão como conceitos-chave para suas disciplinas, de modo mais geral, ou para suas perspectivas teóricas, de modo mais específico (BARROS, 2016, p. 24).

Conforme Barros (2016, p. 26-27), o conceito é uma palavra (apropriada ou criada) que “passa a ser operacionalizada sistematicamente”, funcionando como “pontos de apoio sistemático para um tipo de conhecimento a ser produzido, no interior de um campo específico de reflexões”. As palavras, assim, têm seu significado próprio e podem ser tornadas conceitos. Estes, por outro lado, apresentam um significado complexo, específico do campo do saber ao qual pertencem e às demandas que atendem. Além disso, seu significado passa por reflexões teóricas e metodológicas, feitas pelos pares, importantes ao estatuto e desenvolvimento de sua própria ciência.⁶

Enfim, para realizar o objetivo deste artigo, vamos, em primeiro lugar, expor a perspectiva metodológica de investigação do nosso objeto: o conceito de “gaúcho” no

⁴ Neste ponto, o autor apresenta uma importante consideração, que nos é necessária tanto enquanto historiadores-pesquisadores, quanto como professores de História: “O historiador está tentando compreender uma outra época, e encontra-se envolvido na análise de suas fontes e de seu tema histórico. De repente, ele lança mão de uma palavra ou expressão de sua época para se referir a certos processos e situações de uma outra época em que essa palavra ainda não existia como conceito. Ou, também pode ocorrer, utiliza-se de uma palavra que existe hoje, mas que não tinha exatamente o mesmo sentido na época examinada historiograficamente” (BARROS, 2016, p. 160). Com base nesta situação, o autor discorre que é preciso estar muito atento à empregabilidade não anacrônica dos conceitos, de modo a não equivocar a análise e a não burlar a historicidade própria daquele conceito, seja do *mundo das fontes* para o *mundo do historiador*, seja o processo contrário.

⁵ Destacamos que o processo comunicativo não se resume ao falado e ao escrito. Sobre isso, ver: Habermas, 2012, vol. 2, pg. 6-79.

⁶ “Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos” (KOSELLECK, 2006, p. 108).

texto ornelliano. Depois, analisaremos o contexto de produção do conceito, para tanto, investigaremos o lugar de produção da historiografia no Brasil e em especial o contexto de escrita de Manoelito de Ornellas. Por último, analisaremos o próprio texto de Ornellas em busca das conexões textuais que constroem o conceito de “gaúcho”.

O caminho da análise do conceito de “gaúcho”

Os conceitos têm uma história. Podemos falar, inclusive, em uma *história do conceito* (KOSELLECK, 1979), ou seja, de pensar um conceito *x* em sua historicidade e em sua semântica. Assim, a história dos conceitos, surgida na Alemanha, constitui-se como uma forma de crítica à história das ideias. Esta crítica embasava-se nas insuficiências desta última, “especialmente no que dizia respeito à inscrição contextual das ideias e conceitos e à crítica do anacronismo e da essencialidade das ideias” (JASMIN; FERES, 2006, p. 22). Ou seja, os intelectuais alemães das décadas de 1950 e 1960 percebiam a necessidade de pensar os conceitos em suas especificidades e em seu contexto, em respeito a seu caráter histórico e às respectivas significações que abrigaram na longa duração e nos diferentes espaços.⁷

Um dos expoentes da história dos conceitos é o historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006). Aos dezoito anos, em 1941, fora voluntário do exército de Hitler. Sob derrota, fora aprisionado em um campo de concentração russo. Nos anos 50 do século passado, teve início sua carreira acadêmica. No presente estudo, utilizaremos duas publicações do autor: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006) e *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos* (1992). Na primeira das obras, iremos nos ater ao quinto capítulo do livro, intitulado *História dos conceitos e história social*. O recorte se dá, também, dentro do próprio capítulo, onde serão enfatizadas as considerações do autor no que tange à teoria e metodologia da história dos conceitos. Dessa maneira, Koselleck (2006, p. 97) inicia o capítulo com uma frase de Eriteto, que afirma que “não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles”. A frase, conforme o autor argumenta, serve para perceber a força peculiar

⁷ Percebemos esse tom de crítica vindo de um dos principais expoentes da história dos conceitos: “Ela [história dos conceitos] começou como crítica à tradução descontextualizada de expressões cronologicamente relacionadas ao campo semântico constitucional; em seguida, essa especialização pretendeu uma crítica à história das ideias, compreendida [até então] como um conjunto de grandezas constantes, capazes de se articular em diferentes formas históricas sem qualquer alteração essencial” (KOSELLECK, 2006, p. 104).

das palavras, por meio das quais as emoções, o sentir e o sofrer humanos são transmitidos e, ainda, sobre a impossibilidade de fazê-lo caso elas – as palavras – não existissem. Também, sob a tese de haver uma ligação importante entre a história social e a dos conceitos, no sentido de a primeira não poder prescindir do auxílio que a segunda lhe presta em suas análises, Koselleck prossegue sua argumentação, apontando situações específicas como exemplos.⁸

Assim, a contribuição da metodologia koselleckiana à história dos conceitos é de suma importância. O autor argumenta sobre a acuidade de, ao fazer-se a exegese textual, atentar-se ao caráter social e histórico dos conceitos.⁹ É fundamental, deste modo “saber a partir de quando os conceitos passam a poder ser empregados de forma tão rigorosa como indicadores de transformações políticas e sociais de profundidade histórica” (KOSELLECK, 2006, p. 101), uma vez que, compreendidos desta maneira, é possível percebê-los em suas especificidades. A esta questão metodológica se segue outra: “a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (KOSELLECK, 2006, p. 103). Portanto, para o autor, é necessário perceber cada conceito dentro de seu espaço-tempo e, além disso, compreender como se relaciona ao que ocorria no mundo vivido de então, ou seja, seu emprego semântico na contemporaneidade de sua gênese/emprego. Nas palavras do autor:

[...] a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político. É evidente que uma análise histórica dos respectivos conceitos deve remeter não só à história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística (KOSELLECK, 2006, p. 103).

Adentrando na profundidade metodológica da história dos conceitos, Koselleck aponta que, delimitando-se os métodos nela empregados, se tornou possível a análise do espaço de experiências e do horizonte de expectativas. Para tal, complementa o autor, se torna necessária a análise conjunta entre espaço e tempo, numa perspectiva sincrônica,

⁸ O autor menciona o caso de Hardenberg, que foi um estadista prussiano do século XIX, atuando como ministro das relações exteriores e chanceler de Estado. Em 1807, a Prússia passava por uma reorganização, e uma das frases do estadista, acertando pontos a isso relacionados, fora utilizada como exemplo para a posterior análise koselleckiana sobre os conceitos nela empregados. Sobre isso, verificar Koselleck, 2006, p. 99-101.

⁹ Aspecto reiterado em sua publicação de 1992, que será analisada mais adiante.

sendo que esta última pode (ou deve) ser completada pela diacronia. Em outras palavras, é importante para o autor que o historiador considere o conceito, sua “bagagem” semântica, as expectativas existentes sobre ele e, ainda, todos esses aspectos na sincronia e nos diferentes tempos e espaços.¹⁰ Koselleck (2006, p. 106) deixa claro que “as alterações estruturais de longo prazo só podem ser abarcadas por uma investigação diacrônica da estrutura profunda dos conceitos. O princípio diacrônico faz da história dos conceitos um campo próprio de pesquisa [...]”. A opção metodológica diacrônica, assim, permite que sejam verificados aspectos relativos ao conceito na longa duração, permitindo que se percebam permanências e rupturas não só semânticas, mas também sociais, dada a relação estreita entre o significado do conceito e seu contexto. Em síntese:

O conceito reúne em si a diversidade da experiência histórica assim como a soma das características objetivas teóricas e práticas em uma única circunstância, a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito. [...] Um conceito não é somente o indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator (KOSELLECK, 2006, p. 109).

É neste ponto da análise que o historiador alemão afirma com veemência a história dos conceitos como disciplina autônoma e, ainda, como portadora de um método capaz de estudar e investigar conteúdos não apreensíveis em outras abordagens. Na metodologia koselleckiana, não apenas os conceitos são importantes; seus antônimos também o são, uma vez que permitem evidenciar possíveis antagonismos político-sociais existentes, assim como os diversos fatores que se articulam em torno de sua significação e de seu uso. Assim, o autor afirma que não é possível avaliar um conceito sem que se avalie, também, “os conceitos paralelos, [ou] sem se reportar a uma ou outra noção geral ou particular e sem se registrar a intersecção entre as duas expressões” (KOSELLECK, 2006, p. 113). Em nosso entendimento, essa “questão dos antônimos” proposta pelo autor não abrange apenas um binômio (preto/branco, antigo/moderno), mas também as diferentes semânticas de um mesmo conceito, os diferentes empregos deste num mesmo momento/contexto. Em outras palavras, que a “questão dos antônimos” abranja, também, as disputas e interesses em torno da definição de um conceito.¹¹

¹⁰ Sobre isso Koselleck (2006, p. 115) tira duas importantes conclusões: A primeira delas tange à relação entre significados e estruturas: “não é necessário que a permanência e a alteração dos significados das palavras correspondam à permanência e alteração das estruturas por elas designadas”. Na segunda, o autor afirma que “a história dos conceitos põe em evidência [...] a estratificação de significados de um mesmo conceito em épocas diferentes [...] sob a premissa teórica da obrigatoriedade de confrontar e medir permanência e alteração”, reiterando a importância da análise diacrônica.

¹¹ É importante, frisar, também, que em *Uma história dos conceitos*, Koselleck (1992, p. 135) avança alguns pontos de fundamental importância acerca da história dos conceitos. O primeiro deles é que nem toda

Neste percurso pela metodologia koselleckiana, buscamos introduzir o leitor na temática e atentar à importância deste ramo da ciência histórica à análise, estudo e reflexão dos conceitos. Nosso objetivo, portanto, dentro deste escopo teórico-metodológico, é analisar como o conceito de “gaúcho” foi construído na historiografia sul-rio-grandense do século XX. Para tal, primeiramente nos ateremos ao contexto de produção historiográfica do período, marcado pela atuação dos institutos históricos.

Do IHGB ao IHGRGS: considerações sobre as agremiações históricas

A escrita da história brasileira, no geral, e sul-rio-grandense, em particular, fora empreendida a partir do século XIX, nos anos imediatamente posteriores à independência do Brasil em relação à então metrópole, Portugal. O que se percebeu, neste período, foi a intencionalidade de instrumentalização da história como forma de legitimar um passado comum à jovem *nação* que se formava. Um importante passo, neste sentido, foi a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), em 1838, contando com os auspícios e com a presença ilustre de D. Pedro I em muitas de suas

palavra é um conceito, assim, “[...] cada palavra remete-nos a um sentido, que por sua vez indica um conteúdo. No entanto, nem todos os sentidos atribuídos às palavras eu consideraria relevantes do ponto de vista da escrita de uma história dos conceitos”. Toda palavra possui um sentido, um conteúdo; porém, apenas os conceitos conhecem o processo de *teorização*. O segundo ponto tange ao emprego do conceito, uma vez que ele pode ser fato e também indicador de algo: “Um conceito relaciona-se sempre àquilo que se quer compreender, sendo, portanto, a relação entre o conceito e o conteúdo a ser compreendido, ou tornado inteligível, uma relação necessariamente tensa” (KOSELLECK, 1992, p. 136). Um terceiro apontamento é feito no sentido dos critérios seletivos empregados no momento de escrita de uma história que se pretenda “dos conceitos”: “A história dos conceitos pode ser pensada a partir de um procedimento metodológico que poderíamos chamar de Seleção (*Ausgrenzung*) daquilo que diz respeito a um conceito, daquilo que não diz respeito, o que pode vir a ser realizado, em grande parte, pela análise da língua. [...] Assim, tanto poderei proceder à análise dos conceitos a partir de um método que privilegiará textos comparáveis, quanto poderei proceder metodologicamente expandindo minha análise ao conjunto da língua” (KOSELLECK, 1992, p. 8). Sobre o quarto ponto, atentemo-nos às palavras do autor: “A história dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas possam ser as mesmas. [...] Trata-se de uma situação característica do uso pragmático da língua. [...] Contudo, tudo o que eu disser só será compreensível na medida em que os senhores conhecerem minha semântica, pois sem o conhecimento prévio do significado das palavras que utilizo, nada será compreensível” (KOSELLECK, 1992, p. 140-141). Deste modo, o autor chama a atenção para o fato de que uma mesma palavra possa originar conceitos diferentes, evidenciando-se o caráter único de cada situação histórica. É a partir dela que o conceito pode ser compreendido de maneira adequada. Além disso, o autor aborda o tema da diacronia como importante ao historiador, argumentando que ela está contida na sincronia (quinto ponto) e, além disso, atenta aos historiadores sobre o uso que fazem dos conceitos: “usamos os conceitos de forma ingênua, a partir de uma semântica que temos em nossas cabeças como um *a priori*” (KOSELLECK, 1992, p. 145). Em síntese, dentro dos pontos destacados pelo autor, enfatiza-se a necessidade de entender o conceito em seu tempo e espaço.

solenidades (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Fora, portanto, no bojo da construção do Estado monárquico brasileiro que se deu a formação da agremiação histórica que viria a funcionar como espaço privilegiado da escrita da história do (e no) país:

Enquanto na Europa o processo de escrita e disciplinarização da história estava-se efetuando fundamentalmente no espaço universitário, entre nós esta tarefa ficará ainda zelosamente preservada dentro dos muros da academia de tipo ilustrado, de acesso restrito, regulamentado por critérios que passam necessariamente pela teia das relações sociais e pessoais. Como traços marcantes desta história nacional em construção, teremos o papel do Estado Nacional como o eixo central a partir do qual se lê a história do Brasil, produzida nos círculos restritos da elite letrada imperial (GUIMARÃES, 1988, p. 9).

A história escrita pelos letrados da agremiação, assim, era uma *história nacional*: a marcha do progresso não poderia ser comprometida (GUIMARÃES, 1988, p. 9). Deste modo, o passado não precisaria apenas ser apresentado em forma de “História”, como também reabilitado, sendo basilar ao processo de construção da Nação, que estava em andamento. Apontava neste sentido, também, a busca por definir uma identidade: a *identidade brasileira*. Uma das respostas viria da origem comum brasileira, a portuguesa, formadora e *civilizadora* por excelência. Muito sinteticamente, foram estes os eixos que deram norte ao IHGB em sua tarefa de escrever a história do Brasil.¹²

Até a década de 1860, eram majoritariamente os *homens de fora* que escreviam sobre o passado da Província de São Pedro (BOEIRA, 2019). A partir deste período, ocorre a fundação de uma filial da agremiação histórica nacional em área provinciana, concretizando a ideia da primeira de ampliar suas atividades a outros espaços. Estes letrados, assim, ansiavam por escrever sobre seu passado, sobre sua terra e sua cultura. Deste modo, fora fundado o Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP), um empreendimento que não durara muito tempo, mas que, durante seu período de existência, contou com periódicos próprios, nos quais eram veiculados textos de letrados locais, sobre temas do passado local.¹³

¹² “A história é, assim, o meio indispensável para forjar a nacionalidade. Já pela adjetivação presente em seu nome Histórico e Geográfico, fica claro o projeto da instituição de trabalhar com o instrumentário da história e da geografia. Na verdade, cada uma dessas matérias forneceria os dados imprescindíveis para a definição do quadro nacional em vias de esboço; história e geografia enquanto dois momentos de um mesmo processo, ao final do qual o quadro da Nação, na sua integralidade, em seus aspectos físicos e sociais, estaria delineado” (GUIMARÃES, 1988, p.14). A obra mencionada nesta nota é de grande valia para compreender o IHGB enquanto instituição de *fala autorizada* em relação ao passado brasileiro.

¹³ Há um trabalho interessante sobre o IHGPSP, no qual a autora explicita os aspectos relacionados à sua formação, atividade e dissolução, bem como sobre a relação conturbada deste com o “irmão mais velho”, o IHGB. Sobre o tema, ver Boeira, 2019.

Para o presente trabalho, porém, é outra a agremiação sobre a qual nos ateremos de maneira mais significativa. Do final da década de 1860 até o início dos anos 1920, a Província de São Pedro, posteriormente denominada Rio Grande do Sul, não contou com outra agremiação histórica.¹⁴ Seu passado, sua história e seus aspectos culturais foram narrados pelos letrados do IHGB. Esta situação se modificaria com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), em 1920. Para compreender melhor as questões que envolvem tal agremiação, precisamos pensá-la desde sua gênese. Assim, pode-se afirmar que ela surgiu a partir de uma

[...] dificuldade dupla (política e cultural) [que] impôs à intelectualidade gaúcha duas frentes de atuação complementares: primeiro, a construção de um discurso “legítimo”, que ressaltasse a identificação do Rio Grande com o Brasil; segundo, a criação deste discurso requeria a formação de um espaço social institucionalizado, que agrupasse os intelectuais para que o discurso produzido tivesse legitimidade para impor-se como “cultura legítima”. Trata-se, portanto, do processo de institucionalização do “saber histórico”. [...] Neste processo complexo, a legitimidade do discurso sobre a “identidade rio-grandense” dependia, e ao mesmo tempo, reforçava a legitimidade institucional do IHGRGS (MARTINS, 2015, p. 30).

Desta maneira, a história fora um dos instrumentos usados pelos letrados locais para que se desse a inserção de seu passado, de seus costumes, de sua memória e de seu presente político na agenda intelectual e política brasileira, colaborando, assim, para que o Rio Grande não fosse percebido como um “corpo estranho” ao país, isto é, ao todo nacional. Porém, internamente, os letrados do IHGRGS não possuíam orientações coesas entre si: enquanto uma vertente defendia que a Farroupilha estivera intimamente atrelada ao contexto platino de revoluções e levantes de cunho separatista (VARELA, 1933), a outra pensava o evento como uma revolta contra o poder central, mas não contra a unidade brasileira (DOCCA, 1935). Enquanto um grupo pensava o Rio Grande como ligado culturalmente ao Prata, e como fruto da atuação de portugueses e espanhóis (ORNELLAS, 1948), outro o percebia como originado a partir da colonização portuguesa, tendo com os *platinos* apenas laços belicosos (VELLINHO, 1964).

As dissidências interpretativas entre os letrados do IHGRGS fizeram parte da própria história da agremiação. Quando do momento de sua formação, a instituição debruçou-se sobre o estudo da Farroupilha enquanto evento importante à história sul-rio-grandense (SOARES, 2016). Num contexto onde a história produzida na agremiação era estreitamente ligada ao campo político, era importante demonstrar o Rio Grande e

¹⁴ A história na década de 1870 e 1880 foi escrita de uma certa maneira no Partenon Literário, instituição de caráter literário. Para isso ver: Boeira, 2009.

os sul-rio-grandenses como pujantes e, assim, habilitar sua imagem enquanto capaz de ter um representante à frente do poder nacional.¹⁵

Após o período inicial de formação do IHGRGS, inicia-se um segundo momento desta instituição a partir dos anos 1940, desse modo, a antiga estreiteza dos laços entre a escrita da história e o cenário político não convinham mais. Muitos dos letrados da instituição não mais atuavam no campo político-partidário e, além disso, a história que vinha sendo produzida por eles estava descompassada em relação ao que se fazia no restante do país (MARTINS, 2015). Os temas relacionados à cultura popular, principalmente no Nordeste brasileiro, estavam em voga. Não se tratava mais dos grandes homens e eventos apenas, mas também (e principalmente) de temas ligados aos costumes, aos hábitos, às crenças. Neste sentido, os temas do Folclore conheceram destaque enquanto objetos de estudo.¹⁶

É neste contexto de transição que Manoelito de Ornellas, cuja escrita da história é por nós tomada como objeto, ingressam no IHGRGS e inicia sua produção intelectual, enquanto agremiado. Compreender que o eixo central, a partir dos anos 1940, fora a cultura popular e o Folclore, possibilita perceber de maneira mais adequada os escritos de Manoelito de Ornellas, um dos expoentes dos estudos sobre o tema e, também, da formação do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG (THESING, 2015). Mas, conforme já mencionado, as divergências interpretativas internas foram uma constante do IHGRGS. Neste caso, um dos principais discordantes dos posicionamentos ornellianos fora Moysés Vellinho que, mesmo escrevendo no contexto de valorização da diversidade cultural, primou pela manutenção do elemento português como colonizador e civilizador, negligenciando outros contingentes participantes do processo de formação sul-rio-grandense (RODRIGUES, 2006).

Se houver um conceito-chave que tenha a capacidade de englobar os principais aspectos que envolveram as mudanças ocorridas na produção dos agremiados do IHGRGS, a partir dos anos 1940, este conceito é o de *regionalismo*. Porém, não se trata de um regionalismo que afirme as diferenças como forma de contrastar o Rio Grande com as outras partes do Brasil, mas, ao contrário, um regionalismo que passou a afirmar

¹⁵ Os intelectuais que interpretavam a Farroupilha como um evento não separatista acabaram por corroborar (intencionalmente, ou não) com a legitimação do governo de Getúlio Vargas. Sobre o tema, ver Docca, 1935 e Martins, 2015.

¹⁶ A tese de doutorado de Jefferson Martins explica de maneira detalhada os diferentes *momentos* do IHGRGS, suas características e implicações. Em função do espaço do qual dispomos e do objeto do presente artigo não ser o IHGRGS propriamente dito, não nos ateremos de maneira mais aprofundada nisto. Ver MARTINS (2015).

as particularidades do estado sulino como importante, capaz, inclusive, de influenciar o restante do país (NEDEL, 2005).

Dito isto, buscamos, a partir desta breve contextualização institucional na qual esteve inserido Manoelito de Ornellas, compreender como se deu a construção e o emprego do conceito de *gaúcho* na historiografia produzida por ele e, ao final, refletir sobre a constituição e o uso desse conceito no texto ornelliano.

O tropeiro ainda é o homem da caravana – o gaúcho para Manoelito de Ornellas

A obra que tomamos como objeto para analisar a escrita da história de Manoelito de Ornellas é *Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*, publicada em 1948, algum tempo depois do ingresso do autor no IHGRGS, que se deu em 1934, após a publicação de outra obra, chamada *Tupanciretã* (THESING, 2015). Deste modo, a entrada de Ornellas no corpo de letrados do IHGRGS se deu justamente no contexto onde as mudanças de orientação estavam se dando neste último, conforme verificamos. Ornellas, por sua vez, foi um dos intelectuais que atuou no sentido de reabilitar a imagem da intelectualidade sul-rio-grandense frente aos pares nacionais, finalidade com a qual sua escrita da história corroborou.

Como forma de compreender melhor a trajetória e as concepções de Ornellas, retrocederemos, por um momento, a Itaqui, cidade da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, aonde nasceu Manoelito no ano de 1903. Seu contato com os livros se deu precocemente, uma vez que sua mãe, Anna, era uma leitora assídua. Com 15 anos, o rapaz teria seu primeiro artigo publicado num jornal local. Num período imediatamente posterior, iria morar e estudar em Santa Maria e, mais tarde, morar com a família na área rural. Trabalhando nas lides campeiras, Ornellas precisava conciliar suas tarefas diárias com os estudos. Na monotonia do campo, os livros eram seu refúgio (THESING, 2015). Com o tempo, seus horizontes se ampliaram, passando a ter mais contato com a região platina. Acreditamos que, a partir deste ambiente social e geográfico, o autor tenha refletido sobre os possíveis intercâmbios entre os dois lados da fronteira, tese que faz parte de sua escrita da história.

A frase em itálico, no título deste subitem, corresponde a uma citação retirada de *Gaúchos e beduínos* (ORNELLAS, 1948, p. 148). Ela é vital para entendermos a tese que o autor defende na obra mencionada, ou seja, a afirmação de que o *gaúcho*, indiretamente, descende do beduíno, povo nômade do deserto. Os traços deste último se fazem

evidentemente presentes no primeiro: sua indumentária, seus costumes e sua *psique* provém dos caracteres beduínos, passados aos gaúchos por meio da colonização espanhola e portuguesa. Os caracteres beduínos, assim fizeram parte da *formação* do gaúcho, de sua constituição enquanto tipo social. Os ibéricos chegados ao extremo meridional americano, portanto, eram povos já miscigenados, e trouxeram consigo os séculos de bagagem beduína adquiridos durante o domínio islâmico na Península, cujas tropas eram constituídas por elementos berberes/beduínos. Logo, afirmar metaforicamente que os tropeiros ainda são os caravaneiros, é afirmar que os sul-riograndenses ainda são os beduínos, seja física, psicológica ou culturalmente.

Vejamos como o autor apresenta este processo em seu texto. Conforme mencionado mais acima, Ornellas admitia influências espanholas na formação do gaúcho e as considerava importantes e frutíferas. Ao apresentar tais influências, o autor aponta o ambiente como importante à adaptação do espanhol nas *savanas platinas*, ou seja, no cenário pampiano. Deste modo,

Como em Salamanca, ele [espanhol] não veio encontrar, aqui nas planícies do Sul, onde a terra e o céu se fundem, um campo de sementeiras mais um campo de bois. Como em Salamanca, ele se fez *centauro*. Como em Salamanca, ele escolheu a beira dos riachos para construir sua *casa de barro com teto de palha santa-fé* e continuar o uso não mais de suas *bombachas de couro*, porém de pano, mais adaptáveis ao clima, na forma inteligente do *chiripa* que o maragato criou. Nas perdidas extensões solitárias do pampa, veio encontrar o *cavalo chimarrão* [...]. No lombo destes cavalos, transportava a família e o toldo que constituía a sua habitação improvisada. Lançou-se às planuras, atravessou os rios e torrentes e penetrou a Cordilheira. Tomou posse o deserto. Aos *mamelucos* que foram os primeiros gaúchos, ensinou a arte de *cortar* os tendões das rezes alçadas, *desgarrando-as* com o instrumento em forma de meia-lua cortante que foi criação dos árabes na Espanha (ORNELLAS, 1948, p. 114-115).

O gaúcho, em sua formação, portanto, aprendera muito com o espanhol. Este último, por sua vez, adquirira experiências e aprendizados ainda em solo peninsular, com os árabes beduínos. Note-se que a indumentária característica, a forma da habitação, o uso do cavalo e a *preia* de gado teriam tido origem com estes últimos, ou seja, teriam sido aprendidos com eles. Afirma-se, assim, a ancestralidade do beduíno em relação ao gaúcho: o primeiro era “avô do peninsular” que chegou ao Sul e, assim, por meio da colonização espanhola, aponta-se para a “semelhança iniludível da vida do beduíno com a vida o gaúcho” (ORNELLAS, 1948, p. 115).

Prosseguindo em sua argumentação, o texto expõe a presença destes traços também entre os portugueses. Se os beduínos estiveram presentes na Península Ibérica, os portugueses não estariam imunes à sua influência, assim como os espanhóis não o

estiveram. A fronteira estabelecida entre os dois países, além disso, não seria suficiente para dissociá-los: as semelhanças psicológicas e étnicas, em muito provenientes dos beduínos, permaneciam. Assim, apresentando os beduínos como influentes aos contingentes *formadores* do gaúcho, Ornellas conclui seu paralelo entre gaúchos e beduínos. Em se tratando especificamente do gaúcho, o autor argumenta que

[...] em 1624, na colônia de Soriano, processa-se a primeira mestiçagem e inicia-se o comércio de gado com as Missões do Paraguai, pelas vastas campanhas que seriam depois do Rio Grande do Sul. O gaúcho surgiu no “período soriano” nas terras comuns ao Uruguai e ao Rio Grande do Sul, pela necessidade da *doma*, das *volteadas* e das tropas que se conduziam das estâncias missioneiras às reduções, com os primeiros “cortadores” e os primeiros “vaqueanos” (ORNELLAS, 1948, p. 97).

O gaúcho, então, surge nas condições “típicas” de sua existência: a vida campeira, junto ao gado, aos rebanhos, às lides. Mesmo tendo surgido há centenas de anos, Ornellas (1948, p. 98) defende que, em sua contemporaneidade, ainda eram praticamente os mesmos, uma vez que “seus costumes não sofreram grandes transformações”. Estava, assim, explicado o surgimento do gaúcho. Mas, como explicar a manutenção de tradições tão antigas, vindas das origens remotas do colonizador? Para tal empreitada, Ornellas recorre às analogias entre gaúchos e beduínos. Vejamos uma delas:

Para atravessar os vastos campos movediços no lombo dos camelos, forma o beduíno a sua caravana. Solidariedade para enfrentar a solidão e as distâncias e solidariedade para a defesa comum. A fila de dromedários risca a face queimada da terra, traçando um caminho tão instável como o próprio homem e apagável ao primeiro sopro do vento. Decora os horizontes de turbantes e albornozes brancos. O gaúcho, mais feliz no seu *habitat*, forma a sua caravana de carretas. De aguilhada em punho, segue pelas estradas do pampa, estradas que serpenteiam terras cobertas de verdura – em noites e dias de paciosas jornadas (ORNELLAS, 1948, p. 125).

Seja no deserto, seja no pampa, o sentido de cooperação deve se dar, de modo que a jornada coletiva seja exitosa. Se, no deserto, o beduíno se encontra envolto por quilômetros arenosos, no pampa é o verde que predomina. O cenário monocromático, a monotonia da ação e a ênfase no aspecto coletivo desta são aspectos que prevalecem na escrita da história ornelliana. Neste caso específico, o autor faz uso de caracteres do meio para aproximar as atividades de gaúchos e beduínos: “à noite pousa em acampamentos, como o árabe, sob a colcha das estrelas” ou, ainda, “canta suas cantigas nostálgicas ao som dos mesmos instrumentos comuns” (ORNELLAS, 1948, p. 125-126). Assim, o autor atribui destaque a elementos constituintes da cultura dos dois tipos sociais. Em se tratando do caso da música, o autor aponta que nunca souberam nomear as notas musicais, e que isso não era um problema, mas, ao contrário, um traço de parença com

os grandes personagens de outros tempos: “assim dev[er]ia ter sido, no tempo de Homero, a vida dos rapsodos que com ele cantavam as façanhas dos heróis mitológicos” (ORNELLAS, 1948, p. 132).

Os hábitos da vida cotidiana, da intimidade do lar, também são abordados por Ornellas. Para ele, o costume gaúcho de acampar ao relento ou nos galpões era proveniente do *narguilé* árabe, feito nos desertos, como uma forma de fraternidade entre os homens do grupo, seja do deserto “dourado”, seja, neste caso, do “deserto verde”. Além disso, a chaleira fumegante e a cuia de porongo seriam elementos de agregação, aproximação, assim como na vida cotidiana beduína, com o já mencionado *narguilé*. O galpão, local quase sacralizado da rotina do gaúcho, é também apresentado como uma herança direta, vinda dos beduínos:

O galpão, mesmo, é uma tenda que se fixou. Trocaram-se os panos ondulantes pelas paredes de barro. Sua vida interior é a vida de uma tenda do deserto. O chão continua virgem, lembrando aqui o chão crestado pelas ardentias, onde as brasas crepitam e saltam, no estouro da lenha verde, em fagulhas luminosas (ORNELLAS, 1948, p. 150).

Em tom poético, o autor torna análogos o galpão do gaúcho e a tenda do beduíno. Assim, também, o faz com o casamento daquele e deste, apontando semelhanças em relação ao ritual, ao local, à dança e aos bailes ocorridos na ocasião. O lar do gaúcho, em si, é apontado como inviolável, à semelhança do que ocorria nos lares espanhóis e, antes disso, nos lares beduínos. Após mencionar (e construir) todos estes paralelos, Ornellas (1948, p. 153) apresenta a *cartada*, neste caso, a *analogia final*: “beduíno significa, em árabe, o homem que vive do gado”. Esta frase permite ao leitor entrever qual é o próximo paralelo traçado, o qual entendemos como o principal da obra, uma vez que se liga intimamente às representações tradicionais do gaúcho: o indivíduo relacionado ao campo.¹⁷

O gaúcho, como vimos, se constituía no campo. Além disso, conforme mencionado, a intimidade com o cavalo o tornava *centauro*. Por vezes, “o cavalo supera a mulher na estima e no apego do gaúcho” (ORNELLAS, 1948, p. 156). Neste ambiente, o gaúcho aprendeu a ser hospitaleiro, mesmo que submetido ao sistema de trabalho,

¹⁷ Quando falamos em representações do gaúcho, pensamos na música e na pintura, sobretudo. Sobre esta última, há um trabalho muito rico, desenvolvido pela professora Luciana de Oliveira. Em sua tese de doutorado, a autora estudou como o gaúcho foi representado na pintura brasileira e platina, frisando suas aparições no ambiente pampiano e, ainda cercado por seus objetos de trabalho, como as boleadeiras, e por seu “companheiro”, que o torna centauro, o cavalo. Note-se que essas representações dialogam, e muito, com a escrita da história ornelliana. Sobre o tema, ver: Oliveira, 2017.

sendo retirado de seu estado de liberdade.¹⁸ Esta hospitalidade também é caracterizada como uma herança beduína: “a sua casa ou o seu rancho são francos, sem reservas, e o hóspede desconhecido encontra neles a confiança e a estima que se dispensam aos velhos amigos” (ORNELLAS, 1948, p. 157). Seria este o “traço pessoal do beduíno, [que] é também o traço pessoal do gaúcho” (ORNELLAS, 1948, p. 157).

Mais paralelos se seguem: o domínio do deserto (arenoso ou pampiano), o zelo para com os seus, o nomadismo como forma de buscar melhores condições, afastando-o do ócio improdutivo, e por aí vai. Podemos, assim, esboçar algumas considerações sobre a escrita ornelliana: além de tomar o pampa como um “deserto verde”, vivo e influente ao processo histórico que se desenrolava, o autor o designa como *habitat* do gaúcho, uma vez que fora ali que se dera seu surgimento como tipo social. Além disso, é o cenário pampiano que marca a vida cotidiana do gaúcho, sua hospitalidade, seu zelo com o grupo e seu trabalho com o gado. É o *pampa indiviso* que o faz *centauro*. É o pampa, em síntese, personagem fundamental da narrativa ornelliana de *Gaúchos e beduínos*.

Em se tratando do conceito de gaúcho, percebemos que Ornellas o apresenta como mantenedor dos bons hábitos ibéricos que, por sua vez, eram em grande parte provenientes dos intercâmbios com árabes, durante o período de domínio destes sobre a Península. O historiador se esforça por demonstrar como os caracteres dos gaúchos os tornam peculiares, virtuosos e cultos, mas, por outro lado, parece torná-los versões “melhoradas” dos nômades beduínos.

O conceito de gaúcho na escrita da história ornelliana, portanto, remete-nos à ideia de hospitalidade, de dedicação em prol do coletivo, de trabalho e lides campeiras, de família. Conduz, também, a percebermos o gaúcho como o cantador, tocador, poeta e escritor, além de tolerante para com o próximo, para com o viajante e transeunte. É o sujeito que trabalha e se diverte, também, é quem não esquece de suas obrigações e mantém suas virtudes. Esta “versão” da narrativa historiográfica do gaúcho, compreendida na escrita da história ornelliana, é pertinente ao contexto no qual o autor escreveu e participou do IHGRGS: a criação de uma memória e uma história do Rio

¹⁸ “O autor enfatiza o estado de *liberdade absoluta da natureza* em que se encontrava o gaúcho rio-grandense, usufruindo do que a natureza dispunha, ou seja, da abundância de terras e rebanhos no pampa. Quando se dá a concessão de sesmarias, por parte da Coroa, o gaúcho vê ameaçado não só um ou outro lote de terra, mas também o seu modo de vida livre e, ainda, seus direitos sobre as terras, as quais não deviam ser apropriadas. O autor coloca que não havia entre o gaúcho campeiro uma noção de propriedade. Os recursos deviam ser de todos. Por isso a relutância em relação à apropriação e, pelo mesmo motivo, a concepção de que o sistema de propriedades foi uma ‘alternativa fatal’” (LIMA, 2019, p. 735-736).

Grande que se articule ao todo brasileiro, tão visada pelos agremiados de então, se daria por meio da valorização do *regional*, apresentando o gaúcho como virtuoso, bom e honesto desde sua gênese, dado que ele provém de povos também virtuosos. Além disso, a tarefa fora realizada por meio da valorização de aspectos da cultura e do cotidiano.

Considerações finais

O presente artigo finda-se aqui, mas não ocorre o mesmo com as possibilidades de análise do tema que o mesmo evoca. Analisar os escritores da história sul-riograndense dentro do escopo da história dos conceitos parece-nos, assim, frutífero e necessário. Frutífero, enquanto investigação das ramificações textuais, pois permite que muitos aspectos não aparentes no texto possam ser estudados, analisados e conhecidos. Necessário, enquanto a lógica que subjaz o texto, pois é importante conhecer como se deu o emprego dos conceitos, sua instrumentalização e sua historicidade. Refletir sobre os conceitos na escrita da história, portanto, é imprescindível.

Em se tratando da escrita da história de Manoelito de Ornellas, e de como o autor conceitua o *gaúcho*, em sua obra *Gaúchos e Beduínos*, caso pontual tomado como objeto neste trabalho, percebemos que os paralelos com o beduíno, bem como as aproximações do primeiro com este último, fazem um passado longínquo e virtuoso vir à tona. Evocando o passado se compreende o presente, e se reflete sobre quem são os seus sujeitos. No caso ornelliano, se reflete sobre quem e como “sempre foram”. Do *chiripá* ao galpão, o gaúcho tem sangue beduíno nas veias: ainda é o homem da caravana.

Frutífera e necessariamente, portanto, buscamos investigar como Ornellas concebeu o conceito de gaúcho, como o construiu e moldou-o em seu texto. Assim, compreendemos melhor sua tese, suas orientações e seus propósitos. O historiador, que partindo da cultura popular e a ela retornou, ofereceu respostas à demanda de valorização do *regionalismo*, mostrando não o que o Rio Grande tinha de estranho ou exótico, mas o que possuía de particular, de específico, valorizando tais características e afirmando sua importância junto ao todo nacional.

THE BEDOUIN MARAGATO: THE CONCEPT OF GAUCHO IN MANOELITO DE ORNELLAS

Abstract: This article proposes the study of the concept of gaúcho in the writing of the story of Manoelito de Ornellas. The author's work taken as an object is *Gauchos and Bedouins* (1948). Methodologically, we opted for the contributions of the German historian Reinhart Koselleck, a reference in the area of the History of Concepts. Initially, we present reflections on the concepts and the theory of the latter intellectual. Then, we present the institutional context in which Ornellas was inserted. Then, we demonstrate how the author conceived the concept of gaúcho, as well as the reflexes of this in his writing of history. Finally, we draw some conclusions.

Keywords: History of concepts. Gaúcho. History of historiography.

EL MARAGATO BEDUINO: EL CONCEPTO DE GAUCHO EN LA ESCRITURA DE MANOELITO DE ORNELLAS

Resumen: Este artículo propone el estudio del concepto de gaúcho en la escritura de la historia de Manoelito de Ornellas. La obra del autor tomada como objeto es *Gauchos y beduinos* (1948). Metodológicamente, optamos por las contribuciones del historiador alemán Reinhart Koselleck, referencia en el área de La Historia de los Conceptos. Inicialmente, presentamos reflexiones sobre los conceptos y la teoría de este último intelectual. A continuación, presentamos el contexto institucional en el que se insertó Ornellas. Entonces, demostramos cómo el autor concibió el concepto de gaúcho, así como las reflexiones de él en su escritura de la historia. Por último, sacamos algunas conclusiones.

Palabras clave: Historia de conceptos. Gaúcho. Historia da historiografía.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BOEIRA, Luciana F. **Uma província de peso: a escrita da história sul-rio-grandense no século XIX**. In: SOARES, Fabrício A. A.; MARTINS, Jefferson Teles. **História e historiografia sul-rio-grandense**. Criciúma: EdiUnesc, 2019.

_____. **Entre história e literatura: a formação do panteão rio-grandense e os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2009.

DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. **O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha**. In: Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ano XV – II Trimestre. Porto Alegre: Globo, 1935.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GLOCK, Hans-Johann. **O que é filosofia analítica?** Porto Alegre: Penso, 2011.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Vol. 1.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945>>. Acesso em: 16 set. 2020.

_____. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

JASMIN, Marcelo Gantus. FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: _____. **História dos conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 9-38.

LIMA, Pâmela Cristina de. **O gaúcho** – da liberdade absoluta da natureza à renúncia da existência socialista: a configuração do sistema de propriedades na obra de Manoelito de Ornellas. *Revista Temporalidades – UFMG*, ed. 30, v. 11, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/14863> Acesso em: 15/08/2020.

MARTINS, Estevão Rezende. Filosofia analítica da história. In: **Paradigmas filosóficos da atualidade**. Campinas, SP: papiros, 1989.

MARTINS, Jefferson Teles. **O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais**: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956). 2015. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6302>. Acesso em: 22 ago. 2019.

NEDEL, Letícia Borges. **Um passado novo para uma história em crise**: regionalistas e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965). Tese (Doutorado em História), PPGH/ICH, Universidade de Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15294>. Acesso em: 07/fev./2020.

OLIVEIRA, Luciana de. **Da imagem nascente à imagem consagrada**: a construção da imagem do gaúcho pelos pincéis de Cesáreo Bernaldo de Quirós, Pedro Figari e Pedro Weingärtner. 2017. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7749>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos**: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Da crítica à história**: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925-1964. Tese de doutorado (História). UFRGS, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8082>. Acesso em: 07/fev./2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **História das Ideias**: a construção da identidade. Curitiba: Prismas, 2017.

STEIN, Ernildo. Mundo da vida: problema epistemológico ou questão histórica. In: **Veritas**, Porto Alegre, v. 42, nº 1, março de 1997.

THESING, Neandro Vieira. **Fronteira, identidade, essência**: a busca das origens do Rio Grande do Sul em Gaúchos e beduínos, de Manoelito de Ornellas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

VARELA, Alfredo. **História da Grande Revolução**: o cyclo farroupilha no Brasil. Porto Alegre: Globo, 1933.

VELLINHO, Moysés. **Capitania d'El-Rei**; aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro, CORAG. Coleção Meridionais, 2005. [Original: 1964].

SOBRE OS AUTORES

Fabício Antônio Antunes Soares é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio doutoral na Universidade Livre de Berlim; membro pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS).

Pâmela Cristina de Lima é graduanda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

Recebido em 25/09/2020

Aceito em 04/11/2020